



“Ó SENHOR, DEUS DAS VINGANÇAS, RESPLANDECE!” A LEGITIMIDADE E A INTERPRETAÇÃO DOS SALMOS DE VINGANÇA

Roger Marcel Wanke¹

RESUMO

Os Salmos de vingança são parte *integrante* da Bíblia e, ao mesmo tempo, as orações mais *intrigantes* da Bíblia. Muitos se perguntam, atualmente, pela legitimidade e pela interpretação de tais salmos, principalmente no contexto cristão, marcado pelas palavras de Jesus, que exigem o amor aos inimigos e a oração por esses. O artigo procura entender os Salmos de vingança, em primeiro lugar, em seu contexto bíblico e histórico. Num segundo momento, concentra-se na compreensão desses salmos nas obras de Martim Lutero e Dietrich Bonhoeffer, que, no contexto da história da teologia, ocuparam-se não somente com os salmos em geral, mas também, especificamente, com os Salmos de vingança. Num terceiro momento, o artigo se concentra na discussão atual sobre a interpretação dos Salmos de vingança no contexto da exegese veterotestamentária, com destaque à contribuição de Fritz Stolz, em sua abordagem sobre os salmos, que apresentam o fenômeno por ele chamado de pós-cúltico (“*nachkultisches Phänomen*”). Por fim, são apresentadas três tarefas para a pesquisa teológica e para a igreja, que têm como incumbência a discussão sobre a relevância e a legitimidade dos Salmos de vingança no contexto da espiritualidade cristã. O Livro de Salmos existe para dar as palavras corretas ao que ora, quando este não as tem, tanto diante da experiência sublime do louvor e da gratidão a Deus, quanto diante da experiência de lamento e sofrimento em sua vida. Isso vale também em relação aos Salmos de vingança.

Palavras-chave: Antigo Testamento, Hermenêutica, Livro de Salmos, vingança.

ABSTRACT

Vengeance psalms are integral part of the Bible and, at the same time, the most integral prayers of the Bible. Recently, many have asked themselves of the legitimacy and the

1 Roger Marcel Wanke é doutor em Teologia pela Universidade Friedrich Schiller de Jena, na Alemanha. É docente na área bíblica, com ênfase em Antigo Testamento, na Faculdade Luterana de Teologia – FLT. É pastor da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1997 e faz parte do Comitê Editorial da Revista Vox Scripturae. E-mail: roger.wanke@flt.edu.br.

interpretation of such psalms, especially in the Christian context, marked by Jesus' words, which requires to love the enemies and to pray for these. The article seeks to understand the vengeance psalms, first of all, in its biblical and historical context. At a second moment, the concentration will be on the comprehension of these psalms in the works of Martin Luther and Dietrich Bonhoeffer; which, in the context of theology's history, occupied themselves not only with the psalms in general, but also, specifically, with the vengeance psalms. At a third moment, the article will concentrate in the recent discussion on the interpretation of the vengeance psalms in the context of the Old Testament exegesis, which presents them, as called by it, as post-cultic phenomenon ("nachkultisches Phänomen"). At last, three tasks will be presented for the theological research and for the Church, which has as incumbency the discussion on the relevancy and the legitimacy of the vengeance psalms in the context of the Christian spirituality. The Book of Psalms exists to give the correct words to the one who prays, when this one does not have them, as much in the sublime experience of worship and gratitude to God, as when experiencing sorrow and suffering in life. It is also this way in relation to the vengeance psalms.

Keywords: Old Testament, Hermeneutics, Book of Psalms, Vengeance.

INTRODUÇÃO²

Se Dietrich Bonhoeffer estiver certo ao afirmar que “também nos Salmos a Bíblia é Palavra de Deus”,³ e se Christoph Levin tiver razão em dizer que o Livro de Salmos é o livro de oração dos justos,⁴ então surge uma pergunta inquietante: como os Salmos de vingança podem ser entendidos? Eles, a princípio, não parecem ser Palavra de Deus, muito menos, fazer parte de um livro de orações dos que se sabem justificados por Deus. Seria, portanto, legítimo orá-los como cristãos? Como se pode interpretar, quando se lê, por exemplo? *Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca; arranca, SENHOR, os queixais aos leõesinhos!* (Sl 58.6), ou *Filha da Babilônia, que hás de ser destruída; feliz aquele que te der o pago do*

2 Este artigo é uma versão modificada e ampliada da palestra proferida na 2º Conferência Internacional sobre Hermenêutica de Lutero – “Towards a Lutheran Hermeneutics on Psalms” 20-27 de março de 2013, em Eisenach, Alemanha, promovida pela Federação Luterana Mundial e pela Faculdade de Teologia da Universidade Friedrich Schiller em Jena – Alemanha. A palestra original tinha como título: *The vengeance psalms as a phenomenon of critical justice: The problem of the enemies in Luther's interpretation of psalms.*

3 Dietrich BONHOEFFER. *Orando com os Salmos*. Curitiba: Encontro, 1995, p. 13.

4 Christoph LEVIN. “Das Gebetbuch der Gerechten. Literargeschichtliche Beobachtungen am Psalter”. In: C. Levin. *Fortschreibungen: Gesammelte Studien zum Alten Testament*, BZAW 316. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2003, p. 291-313.

mal que nos fizeste. Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra (Sl 137.8-9). Apenas a leitura desses versos desafia e confronta o cristão hoje com o limite de suas palavras *diante de Deus e diante dos inimigos*.

Os Salmos de vingança, também chamados imprecatórios⁵ ou ainda, de maldição,⁶ caracterizam-se, por si só, como um dos maiores problemas da hermenêutica veterotestamentária. Se alguém quiser censurar os Salmos de vingança, como muitas vezes tem sido feito, não será necessário usar como argumento somente o que Jesus disse no Sermão do Monte, que ensina a amar o inimigo e orar por ele (Mt 5.43-48). Já a Torá ensina o povo de Israel a agir com os inimigos de forma diferente, do que estes agem com o povo (cf. Êx 23.4-5; Lv 19.17-18). Da mesma forma, a tradição sapiencial, por exemplo, em Provérbios 25.21, ensina que ajudar ao que aborrece vale mais do que vingar-se dele. Se até o Antigo Testamento parece condenar a vingança, por que há Salmos de vingança na Bíblia? Será que usar como critério o Mandamento do Amor resolve a problemática da injustiça causada por um inimigo? Se a resposta é o Mandamento do Amor, o que fazer, então, com um sentimento tão comum como a vingança? O que fazer com os textos bíblicos que ensinam a orar a Deus, pedindo por ela? Qual seria a legitimidade e que possibilidades de interpretação haveria desse tipo de salmo na vida da igreja hoje?

Este breve ensaio tenta dar algumas respostas a essas perguntas. Em primeiro lugar, julga-se necessário perguntar pela hermenêutica dos assim chamados Salmos de vingança, em seu contexto bíblico e histórico.⁷ Eles fazem

5 A palavra “imprecatório” significa súplica. Cf. GUSSO, Antônio Renato. *Os livros Poéticos e os da Sabedoria: Introdução Fundamental e Auxílios para a Interpretação*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2012, p. 51-53.

6 A expressão “*Salmos de maldição*” tem sido criticada na pesquisa, justamente por não haver no Livro de Salmos maldições, como as que encontramos, por exemplo, em Dt 27.15-26. Cf. SEIDEL, Hans. *Auf den Spuren der Beter: Einführung in die Psalmen* [Arbeitsbücher für die Aus- und Weiterbildung kirchlicher Mitarbeiter]. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1980, p. 126-128.

7 Para aprofundamento na pesquisa exegética do livro de Salmos, sugerem-se aqui os seguintes comentários e introduções: SEYBOLD, Klaus. *Die Psalmen*. Handbuch zum Alten Testament I/15. Tübingen: Mohr Siebeck, 1996; SCHÖKEL, Luis Alonso. *Salmos I: Salmos 1-72* [Grande Comentário Bíblico]. São Paulo: Paulus, 1996; SCHÖKEL, Luis Alonso. *Salmos II: Salmos 73-150* [Grande Comentário Bíblico]. São Paulo: Paulus, 1998; SEYBOLD, Klaus. *Die Psalmen: Eine Einführung*. 2.Aufl. Stuttgart: Kohlhammer, 1991; WITTE, Markus. “Der Psalter”, in: J.C. Gertz (Ed.) *Grundinformation Altes Testament*. 3.Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009,

parte do Saltério, mais do que se possa imaginar. Como podemos entendê-los? Por que eles estão no Saltério? Num segundo momento, este artigo se propõe a apresentar como Lutero interpretou os Salmos e, principalmente, os de vingança. Obviamente, não há espaço para analisar aqui toda a sua abordagem e a interpretação sobre o assunto. Por isso, a explanação irá se concentrar apenas em alguns textos de Lutero e, de forma específica, em sua interpretação do Salmo 94. A partir disso, quer-se abordar, de forma breve, a interpretação de Dietrich Bonhoeffer sobre os Salmos de vingança, em especial, em sua prédica sobre o Salmo 58. As contribuições de Lutero e Bonhoeffer para a compreensão do tema são fundamentais, e poderiam hoje ser mais visíveis na pesquisa. Num terceiro momento, este artigo passa a apresentar os resultados da pesquisa exegética no livro de Salmos sobre os Salmos de vingança. Neste ponto, será dado destaque à abordagem de Fritz Stolz, cuja contribuição tem ajudado a responder à pergunta, como o salmista permanece firme *coram Deo*, mesmo quando ele não experimenta a justiça de Deus diante de seus inimigos. Por fim, conclui-se, apresentando algumas perspectivas e tarefas que se entende como necessárias e interessantes, para que a pesquisa em torno dos Salmos de vingança possa frutificar ainda mais, tanto no contexto da exegese veterotestamentária, da pesquisa em torno de Lutero e Bonhoeffer, bem como no contexto da teologia prática, principalmente em relação à espiritualidade e ao culto cristão.

I. OS SALMOS DE VINGANÇA NA BÍBLIA

A vingança já aparece nas primeiras páginas da Bíblia. Caim e Abel são apresentados como protótipos de um relacionamento humano marcado por inimizade e vingança. Hans Walter Wolff vai afirmar que a narrativa de Caim e Abel quer esclarecer o problema universal da convivência humana, mas que, mesmo como assassino, Caim ainda está sob o sinal de proteção de Deus contra a vingança arbitrária de sangue.⁸ O ser humano, criado por Deus, está destinado a amar e a superar todo o ódio.

Entretanto, ao se abrir o Livro de Salmos se é confrontado com orações

p. 414-432.

8 WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 287-288.

que realmente desejam vingança e a destruição de todos os inimigos. A presença de inimigos nos Salmos é quase que constante. Esses inimigos podem ser classificados em quatro tipos: **a)** inimigos em sentido próprio; **b)** os assim chamados ~y[iv'r>. Estes são pessoas que, decididamente, querem viver longe de Deus; **c)** amigos ou parentes inféis; **d)** animais selvagens.⁹ De forma geral, pode-se dizer que os salmos que abordam o tema inimigo podem ser classificados em dois tipos: de um lado, há aqueles que apresentam o clamor a Deus, pedindo por livramento dos inimigos. Em alguns casos, o salmista já experimenta a intervenção de Deus, e o salmo de lamento passa a ser um hino de gratidão e louvor a Deus. Por outro lado, encontram-se salmos, essencialmente de lamento, que contêm expressões de vingança e o clamor a Deus pedindo por livramento, sem contudo o salmista experimentar esse tão esperado livramento (cf. Sl 94; 109; 137).¹⁰

Estar cercado de inimigos não é um privilégio apenas do povo de Israel e do salmista, mas é um fenômeno universal e testemunhado no Antigo Oriente também. Othmar Keel tem contribuído muito para essa reflexão, especialmente em relação aos Salmos.¹¹ Keel fala dos Salmos de vingança, a partir dos paralelos com a Babilônia, como oração de extermínio (*Vernichtungsgebete*), que expressam, na verdade, a impotência humana diante da insegurança e da injustiça trazidas pelos inimigos. Para Keel, esses salmos não são, em primeiro lugar, expressão de uma busca maldosa por vingança, mas de um terrível pavor, ao qual o salmista é entregue indefeso, e sobre cuja causa, ele clama pela destruição de Deus.¹²

O que fica claro, é que inimigos não são tabus no livro de Salmos. Fala-se abertamente a esse respeito. O salmista não tem vergonha em expor que ele tem inimigos. Não há nenhum alerta para o salmista, de que ele estaria transgredindo a Torá, ao orar um salmo de vingança. O seu sentimento de vingança também não é abafado em nome da moral, ou de princípios que regem o que poderia hoje ser

9 Cf. JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott: Eine Anthropologie der Psalmen*. 2.ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2006, p. 105-108.

10 ZENGER, Erich. "Das Buch der Psalmen". In: Erich Zenger (Hg.) *Einleitung in das Alte Testament*. 6.Aufl. Stuttgart: Kohlhammer, 2006, p. 361-362. Infelizmente, a versão traduzida para o português não contém as informações referidas, pois foi baseada na primeira edição em língua alemã, publicada em 1995 [Erich Zenger (Org.) *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003].

11 KEEL, Othmar. *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament. Am Beispiel der Psalmen*. 5.Auflage. Göttingen: V&R, 1996, p. 68-97.

12 KEEL, Othmar, *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament*, p. 85-86.

chamado de *politicamente correto*.

Salmos de vingança são sempre lamentos. Eles refletem a experiência da abscondicidade de Deus. Os lamentos refletem as dimensões fundamentais da experiência humana: sofrimento, desespero, enfermidade, angústia. Não por último, também o sentimento de vingança diante de uma situação de injustiça. É raro encontrar, na literatura, alguma abordagem separada a respeito dos Salmos de vingança. Eles são classificados e apresentados apenas como lamentos, que podem ser tanto individuais como coletivos. Alguns salmos apresentam apenas breves versículos em tom de vingança (cf. Sl 3, 139.21-22). Outros, porém, são longos, cujo conteúdo é marcado praticamente pelo tom vingativo (cf. Sl 12, 35, 58, 59, 69, 70, 83, 109, 137, 140). Salmos de vingança também são orações. O salmista sabe que não pode fazer justiça com suas próprias mãos e, por isso, delega toda a vingança a quem é de direito, isto é, ao próprio Deus.

No Novo Testamento, não há Salmos de vingança. Talvez, por isso, há quem diga que eles não deveriam mais ser orados. No entanto, é importante que quatro observações sejam feitas para não se chegar a uma conclusão apressada e equivocada, sem antes refletir sobre o assunto e verificar, se, de fato, no Novo Testamento, a dimensão da oração por vingança foi abolida.

a) Em primeiro lugar, deve-se constatar que o movimento de Jesus e a igreja primitiva não rejeitaram o Livro de Salmos, criando uma espécie de saltério neotestamentário.¹³ As orações e os hinos dos judeus foram orados e entoados pelos cristãos, sem nenhuma dificuldade, desde o seu início. É sabido que a Escritura dos apóstolos e da igreja primitiva era o Antigo Testamento em sua integridade (cf. 2 Timóteo 3.16-17). O “caso Marcião”, décadas mais tarde, foi exatamente o estopim para que a igreja cristã decidisse pela canonização das Escrituras. Nessa ocasião, o Livro de Salmos foi aceito sem restrição.

b) Em segundo lugar, toma-se como argumento contrário ao uso dos Salmos de vingança as palavras tanto de Jesus na cruz, quanto as do diácono Estêvão, em seu apedrejamento, ambos em Jerusalém. Aos seus inimigos, Jesus disse: “*Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem*” (Lc 23.34). Na mesma direção vão as palavras de Estêvão, o primeiro mártir da igreja cristã, que clama em alta voz, ao ser apedrejado até morrer: “*Senhor, não lhes imputes este pecado!*” (At 7.60).

13 ZENGER, Erich. “O Livro dos Salmos”. In: Erich Zenger (Org.) *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 322.

De fato, o conteúdo das orações, tanto de Jesus, quanto a de Estêvão não são de vingança. Todavia, o que os dois textos mostram, de forma clara, é que não há a prática de uma vingança por justiça própria, mas sim, uma submissão ao plano de Deus. Também no Novo Testamento, a atitude correta é delegar a vingança a Deus, e não praticá-la, mesmo que isso signifique o próprio martírio.

c) Em terceiro lugar, a vingança aparece no Novo Testamento da mesma forma como no Antigo Testamento, ou seja, como um ato de Deus e não do ser humano (cf. Lc 21.22; Rm 12.19 [citação de Dt 32.35]; 2Ts 1.8 [vingança contra os ímpios escatologizada para a volta de Jesus Cristo]; Hb 10.30 [citação de Dt 32.35]; Ap 6.10 [alusão a Dt 32.43 – clamor pela vingança de Deus]; 19.2 [júbilo pela vingança]). Deus, portanto, no Novo Testamento, também é conhecido como um Deus de vingança. Só por isso, o argumento de Marcião, daquela época, e dos *neomarcionitas*, de hoje, cairia por terra.

d) Por fim, as palavras de Jesus, no Sermão do Monte (Mt 5.38-48), são para alguns a prova contundente de que Salmos de vingança não podem mais ser orados pelos cristãos. Esse é um texto bastante complicado, pois não há nenhuma menção na Lei sobre odiar o inimigo. Teria Jesus se equivocado? Vejamos: se Jesus tinha em mente Levítico 19.18, o mandamento se refere a não se vingar, nem guardar ira *contra os filhos do povo*, ou seja, contra os próprios israelitas. No entanto, esses não seriam os inimigos contra os quais os salmistas oram por vingança. Já em Deuteronômio 10.18-19, outra possível alusão feita por Jesus não menciona inimigos, mas sim, *estrangeiros*. No Antigo Testamento, inimigos e estrangeiros não são a mesma coisa. Se, porém, o que Jesus tem em mente são as palavras do Salmo 139.21-22, a única no Antigo Testamento que fala de odiar os inimigos, então, deve-se olhar com mais atenção para elas. O que fica evidente é que se trata mais uma vez de inimigos de Deus, os mesmos contra quem os salmistas pedem para Deus se vingar. Contudo, Jesus pede aos discípulos, no Sermão do Monte, que amem os seus inimigos e que orem pelos que os perseguem. Aqui é importante apontar para três aspectos: o primeiro, é que os cristãos terão inimigos e serão perseguidos. O segundo, é que os seus inimigos e os que os perseguem fazem isso porque são inimigos do próprio Deus e perseguem a causa do evangelho (cf. Mt 5.10-12). E em terceiro lugar, é importante salientar que, ao pedir para amar os inimigos, está se pedindo para não prejudicá-los, ou seja, não fazer nada de mal contra eles, isto é, não se deve exercer a justiça própria contra os inimigos.

Ao pedir para orar pelos inimigos, Jesus pressupõe, com relativa certeza, que os seus discípulos irão orar as únicas orações pelos inimigos que eles conhecem – exatamente os Salmos de vingança do livro de Salmos.

A Bíblia, portanto, não condena os Salmos de vingança. O que ela condena é o praticar a justiça contra a injustiça com as próprias mãos. Salmos de vingança são, acima de tudo, orações de alguém que se coloca diante de Deus em fé, delegando a vingança a Deus, para poder continuar vivendo diante das pessoas em amor.

II. OS SALMOS DE VINGANÇA EM LUTERO E BONHOEFFER

Não é possível aqui abordar toda a história da interpretação do Livro dos Salmos e, especificamente, dos Salmos de vingança. Entre todos os teólogos que se ocuparam com o Livro de Salmos, Lutero e Bonhoeffer são aqueles que se destacam. Por isso, o objetivo, nas próximas linhas, é abordar brevemente a interpretação dos Salmos de vingança na obra desses dois teólogos, que não apenas interpretaram os salmos, mas que também deixaram os salmos interpretarem as suas vidas.

Lutero se ocupou, de diversas formas e inúmeras vezes, ao longo de sua vida, com o Livro de Salmos.¹⁴ Sua vida acadêmica iniciou em 16 de agosto de 1513, com “Preleções sobre os Salmos”. E, ao fim de sua vida, os salmos foram uma de suas últimas palavras (Sl 31.5; 68.20). Lutero vivia os salmos, eles faziam parte de toda a existência teológica de Lutero, ou seja, de seu ensino teológico, de sua pregação nas comunidades e de sua poimênica. No entanto, de que forma Lutero leu e interpretou os Salmos de vingança?

Não se encontra um escrito específico de Lutero sobre o assunto. As menções aos inimigos, no contexto do Livro de Salmos, aparecem espalhadas em

14 Aqui se destacam as suas preleções de Salmos: *Dictata super psalterium* (1513-1515) – WA 55/I/1 e WA 55/II/1; *Operationes in Psalmos* (1519-1521) – WA 5,19-654; *Interpretação dos Primeiros 25 Salmos* (1530) – WA 31/I, 263-383; *Sumários sobre os Salmos* (1531-1533) – WA 38,18-69; *Preleções sobre os Salmos Graduais* (1532/33, 1540) – WA 40/III,9-475; *Interpretação do Salmo 90* (1534/35, 1541) – WA 40/III, 484-594. A respeito de prédicas de Lutero sobre os Salmos cf. H. Bornkamm. *Luther und das Alte Testament*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1948, p. 230-233. Não por último, Lutero usou vários salmos nos cultos através de hinos.

várias de suas obras. Em seu “Prefácio ao Livro de Salmos” (1545),¹⁵ Lutero afirma, de forma geral que, nos Salmos, encontra-se a postura do salmista diante de Deus, diante de seus amigos e diante de seus inimigos. Para Lutero, o que predomina no Livro de Salmos, ao comparar a vida e o coração do salmista com um barco em alto e agitado mar, é a sua capacidade de falar com Deus com seriedade em meio a todos os tipos de vendavais. Mesmo sem citar, fica claro que Lutero tem em mente também o sentimento de vingança do salmista. Também a vingança pode ser entendida aqui como experiência e reação do salmista diante dos vendavais.

Já em “Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução” (1531-1532),¹⁶ Lutero apresenta, no final, uma breve divisão do Saltério em cinco classificações quanto ao gênero literário. A primeira se refere aos Salmos por ele chamados de *proféticos*, aos quais pertencem todos os salmos em que há promessas aos justos e ameaças contra os ímpios. A segunda abrange os Salmos *didáticos*, que têm por finalidade ensinar a viver conforme a Torá. Já a terceira classificação, apresentada por Lutero, refere-se aos Salmos *consolatórios*,

que fortalecem e consolam os santos que estão aflitos e em sofrimento e que, por outro lado, xingam e aterrorizam os tiranos. A esse gênero pertencem todos os salmos que consolam, admoestam, levam à paciência e xingam os tiranos.

Uma quarta classificação por Lutero se refere aos Salmos de *oração*, aos quais pertencem “todos os salmos que lamentam e choram e que clamam a respeito dos inimigos”. Por último, Lutero ainda classifica salmos que denomina de Salmos de *ação de graças*, pois louvam e glorificam a Deus por todas as bênçãos e auxílio recebidos. O que chama a atenção nessa classificação dos salmos, por Lutero, é que os inimigos, palavra mais citada aqui por ele, aparecem em três classificações de gêneros diferentes: Salmos proféticos, Salmos consolatórios e Salmos de oração. Já essa classificação é bastante pertinente!

15 *Vorrede auff den Psalter*, WA DB 10/I,99-105. Cf. LUTERO, Martinho. “Prefácio ao Livro dos Salmos” [tradução: Luís H. Dreher]. In: *Obras Seleccionadas*, v. 8. Interpretação Bíblica – Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 33-37.

16 *Summarien über die Psalmen und Ursachen des Dolmetschens*. WA 38, 9-18. Cf. LUTERO, Martinho. “Sumários sobre os Salmos e Razões da Tradução” [tradução: Eduardo Gross]. In: *Obras Seleccionadas*, v. 8. Interpretação Bíblica – Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 221-233.

Na interpretação do Salmo 6 em *Operationes in Psalmos* (“Trabalho em Salmos”), Lutero define os inimigos como “perseguidores obstinados”, que praticam a iniquidade e que devem sofrer, por isso, o juízo de Deus. Nas palavras do Salmo 6.11, os inimigos devem ser castigados e humilhados, para, na verdade, reconhecerem a graça de Deus. Lutero afirma:

A Palavra de Deus torna-se compreensível aos insensatos, se esses tiverem sido muito atormentados por sofrimentos. A cruz de Cristo é a única instrução das palavras de Deus, a mais pura teologia [...] Por essa razão, por mais impossível que seja suportar a ira de Deus, ela é absolutamente necessária para os incrédulos e insensatos, porque somente ela é suficientemente poderosa para humilhá-los [...] Há muitas passagens similares nas Escrituras, com as quais é descrita essa violenta confusão e conturbação, tanto no coração dos santos, como ela é também pronunciada sobre os ímpios, para que aqueles, humilhados, sejam consolados e exaltados; estes, porém, humilhados, sejam afligidos e oprimidos, e, assim, ele quer que todos os homens sejam salvos e nenhum pereça.¹⁷

Entre os escritos de Lutero, há um que, infelizmente, é pouco conhecido em língua portuguesa. Nele, Lutero interpreta dois Salmos de vingança. Por causa do espaço, vale a pena se aprofundar, pelo menos, em um deles.

O ano é 1526. Lutero tem atrás de si a Guerra dos Camponeses, os conflitos com Erasmo, Zwinglio, Thomas Münster e Karlstadt. Também seu casamento com Katharina von Bora ainda não havia completado um ano. Lutero vivia dias de alegria, ainda em lua de mel, mas ao mesmo tempo, os ataques de seus inimigos se mesclavam com suas reflexões e questionamentos. De repente lhe vem a notícia de que os turcos haviam invadido a Hungria, porque o rei Ludwig não lhes pagara o tributo exigido.¹⁸ O exército dos turcos, então, luta contra o exército húngaro. No dia 29 de agosto de 1526, os húngaros são derrotados, e o rei Ludwig é morto, durante a sua fuga. A Hungria estava devastada e passava por problemas políticos internos. A rainha Maria, esposa de Ludwig, era princesa da

17 WA 5,19-654. Cf. LUTERO, Martinho. “Trabalhos do Frei Martinho Lutero nos Salmos apresentados aos estudantes de Teologia em Wittenberg” [tradução: Luís H. Dreher]. In: *Obras Seleccionadas*, v. 8. Interpretação Bíblica – Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 430-433.

18 Wesley J. Fuerst. “Introdução aos Salmos Consolatórios”. In: *Obras de Martín Lutero*. La Aurora: Argentina, 1979, p. 183-184. Sobre o pano de fundo e os desdobramentos políticos Cf. Reinhard Schwarz. *Luther*. 3.Aufl. [UTB 1926]. Göttingen: V&R, 2004, p.195-198.

Espanha, irmã do Imperador Carlos V e simpatizante da Reforma. Após a morte de seu esposo, Maria estava tentando administrar esses problemas internos, inclusive várias manifestações contra a Reforma. Lutero não teve dúvidas e se preocupou em consolar a rainha, dedicando-lhe sua interpretação de quatro salmos, que chamou de *Salmos consolatórios* (Sl 37, 62, 94 e 109).¹⁹ A obra ficou pronta em 1º de novembro de 1526. Não se sabe nada acerca da resposta da rainha Maria a Lutero, por sua dedicatória. Dois desses Salmos, 94 e 109, interpretados por Lutero e dedicados à rainha Maria, são hoje, na pesquisa, considerados Salmos de vingança. Quer-se agora, num breve momento, olhar a interpretação do Salmo 94 feita por Lutero.²⁰

Lutero interpreta o salmo versículo por versículo. Ele inicia a interpretação fazendo uma breve introdução, na qual chama esse salmo de “oração comum de todos os filhos piedosos de Deus e do povo espiritual contra todos os seus perseguidores”. Lutero define esses perseguidores de duas maneiras: em primeiro lugar, eles são tiranos que, com violência, perseguem a causa da Palavra de Deus. Em segundo lugar, Lutero entende os perseguidores como falsos mestres, hereges e sectários, que perseguem as pessoas com mentiras e falsidades. Em seguida, Lutero atualiza para os seus dias, dizendo que o salmo pode ser orado contra o papa, os bispos, os príncipes e senhores, que com violência se opõem ao evangelho, por meio de uma interpretação falsa e incorreta das Escrituras. Com isso, fica claro que os inimigos, nos salmos, não são inimigos particulares dos salmistas, mas sim, inimigos de Deus – o que, para Lutero, seriam inimigos do evangelho.

Ao interpretar o v. 1, no qual aparece duas vezes a expressão “Deus da vingança”, Lutero a entende, a partir de Paulo, como um dos atributos de Deus. Assim como Deus é um *Deus de esperança* (Rm 15.13), um *Deus da paciência* e da *consolação* (Rm 15.15), Deus é também um Deus de *vingança*. Exatamente aqui, Lutero deixa claro no que se fundamenta o lamento do salmista. Que Deus é um Deus de vingança faz parte da concepção teológica veterotestamentária, que é, por excelência, monoteísta. Por saber disso, é que o salmista clama, pedindo para que Deus resplandeça e intervenha como ele é. Lutero diz: “Se a vingança é tua obra e agora faz tanta falta, por que te ocultas na escuridão e não queres ser visto?”.

19 WA 19,542-615.

20 WA 19,582-594. Cf. a interpretação do Ps 94 por Fritz Stolz. *Psalmen in nachkultischen Raum*, p. 42-46.

Também Lutero se pergunta, à luz de Mateus 5.44, como pessoas piedosas e espirituais podem pedir por vingança. Sua resposta é marcada por uma distinção interessante entre fé e amor. Para Lutero, “fé e amor são duas coisas distintas. A fé não tolera nada, o amor sofre tudo. A fé maldiz, o amor bendiz. A fé busca por vingança e castigo, o amor trata de respeitar e perdoar”. O que para Lutero se torna critério e legitimação para se orar um salmo de vingança, não é a situação do salmista em si, mas sim, o fato de os inimigos serem inimigos de Deus e colocarem a fé em perigo. O amor, por sua vez, faz com que o salmista não exerça vingança com suas próprias mãos, mas sim, que ele a delegue a Deus. Lutero afirma, referindo-se à interpretação do v. 5:

Isto fazem os tiranos, que com violência perseguem a palavra de Deus e por ela matam e atormentam a gente. Sim, os hereges ajudam e contribuem para isto também. O salmista se queixa disto diante de Deus e clama por vingança.

Outro aspecto da interpretação desse salmo por Lutero, que deve ser destacado, é o fato de ele chamar o Salmo 94 de *salmo de consolo*. Isso até seria lógico, pois esse aspecto está literalmente no próprio salmo (v. 19). No entanto, Lutero interpreta toda a possibilidade de orar um salmo de vingança como um consolo para o salmista. Lutero diz:

Mas é Deus quem me dá paciência e me ensina diferente e derruba os ímpios contra toda a razão [...] todos esses versículos não são outra coisa senão um agradecer pela graça com a qual Deus nos consola nos dias maus, quando os tiranos e os hereges se enfurecem, como temos ouvido.²¹

Lutero conclui a sua interpretação do Salmo 94 com dois aspectos que podem ser definidos como objetivos de um salmo de vingança: a *certeza* da fé que crê na justiça de Deus mesmo contra as evidências e a *instrução* de Deus para lidar com os inimigos. Lutero diz: “Quem crê nisto [na vingança de Deus] e é ensinado por Deus pode ser paciente, deixar que os ímpios se enfureçam, olhar para o final e esperar pelo tempo”.²²

A que conclusões é possível chegar após olhar brevemente a interpretação de Lutero do Salmo 94?

21 WA 19,591-592.

22 WA 19, 594.

a) Lutero transforma, de forma geral, os Salmos de מִשְׁכַּח em Salmos de מִנְחָה, ou seja, *Salmos de vingança* são classificados e entendidos por Lutero como *Salmos de consolo*. Isso é inédito, e vale a pena aprofundar.

b) Lutero parece ter, como pano de fundo de sua interpretação, principalmente do Salmo 94, seus conflitos com falsas doutrinas, ou com pessoas que se opõe ao evangelho, que interpretam as Escrituras de forma errônea, ou até mesmo, se for considerada a dedicatória do escrito, bem como o contexto histórico no qual estava vivendo a rainha Maria, Lutero estaria se referindo também aos tiranos e hereges, como os próprios opositores da Reforma, seja na Alemanha, seja na Hungria. Todos esses não seriam inimigos de Lutero e da rainha Maria, mas sim, inimigos de Deus e de seu evangelho.

c) Lutero não rejeita os Salmos de vingança, por ele chamados de consolatórios. Até onde se sabe, em nenhum momento ele condena o uso desses salmos. Toda a abordagem de Lutero sobre os Salmos de vingança tem como pano de fundo sua *theologia crucis*. É a experiência do *Deus absconditus*, que motiva o salmista a clamar por vingança.

d) Embora Lutero, neste seu escrito, sempre dialogue com o Novo Testamento, principalmente com Paulo, ele parece não querer interpretar os Salmos de vingança cristologicamente, assim como Dietrich Bonhoeffer o fez mais tarde, como será visto logo a seguir. Ele trata o problema dos inimigos como um problema existencial e, acima de tudo, como um problema teológico. Esse problema teológico pode ser entendido de duas formas: em primeiro lugar, é teológico porque os inimigos são, acima de tudo, inimigos de Deus e de sua Palavra, e não do salmista. Em segundo lugar, os Salmos de vingança existem porque Deus parece não ser mais justo. Deus é o problema. O salmista se depara com um problema teológico, porque sua concepção de Deus entra em crise, e ele é chamado a continuar crendo nesse Deus, mesmo não o compreendendo mais.

Pode-se dizer que Dietrich Bonhoeffer foi um dos grandes intérpretes de Lutero, principalmente no que se refere à hermenêutica dos Salmos. Em seu livrinho “Orando com os Salmos”,²³ Bonhoeffer atenta para o perigo de olhar somente à possível motivação com a qual o salmista ora um salmo de vingança.

23 BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*, 1995, p. 65-68.

Para ele, deve-se perguntar, acima de tudo, pelo conteúdo de tal oração, pois a motivação não poderia ser sondada por pessoas. Nesse sentido, Bonhoeffer afirma, assim como Lutero, que os inimigos descritos nos Salmos de vingança são sempre inimigos de Deus, que atacam o salmista, por causa da obra de Deus. É exatamente nesse ponto que se percebe o quanto Bonhoeffer compreendeu e absorveu a interpretação de Lutero. Partindo do pressuposto de que os Salmos de vingança são orações que pedem a Deus pelo cumprimento de sua justiça no juízo sobre o pecado, Bonhoeffer afirma que, por causa do pecado, ninguém escapa desse juízo de Deus, e que cada um se encontra sob esse juízo. Isso levou Bonhoeffer também a interpretar os Salmos de vingança cristologicamente, pois a “vingança divina não atingiu o pecador, mas, sim, o único que não teve pecado algum, que entrou no lugar do pecador: Jesus Cristo”. Assim, diz Bonhoeffer,

o salmo de vingança nos conduz à cruz e ao amor de Deus, que perdoa ao inimigo. Eu não posso perdoar aos inimigos de Deus. Somente o Cristo crucificado pode fazê-lo [...] Em Jesus Cristo o cumprimento da vingança transforma-se, agracia toda a humanidade.²⁴

Essa dimensão também pode ser vista em uma de suas prédicas. No dia 11 de julho de 1937, Bonhoeffer prega sobre o Salmo 58, um dos mais imprecatórios da Bíblia.²⁵ Sua pregação inicia com uma pergunta retórica: “Será que podemos fazer deste salmo terrível nossa oração?”. A priori, a resposta de Bonhoeffer é não. Sua explicação está no fato de todos serem pecadores:

Como é que nós, que somos culpados e passíveis da vingança divina, vamos invocar a vingança de Deus sobre nossos inimigos sem que essa vingança não atinja, antes de tudo, a nós?²⁶

Para Bonhoeffer, somente aquele que está livre de culpa pode orar um salmo de vingança. Nesse sentido, assim como no livro “Orando com os Salmos” se explica a interpretação cristológica de Bonhoeffer, somente Cristo poderia orar um salmo como esse. Mais adiante, em sua pregação, Bonhoeffer pergunta pela identidade do inimigo. Para ele, está claro que os inimigos do salmista são, na

24 BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*, p. 65-68.

25 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções* (Tradutor Harald Malschitzky). São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 66-72.

26 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 66.

verdade, inimigos de Deus. São os ímpios, que

não conseguem mais ouvir nem obedecer. Porque seus ouvidos estão surdos em relação à graça de Deus, suas bocas ficam mudas para a justiça de Deus. Esses são os inimigos de Deus e de sua comunidade, como Davi, como Cristo e como a Igreja de Deus os reconhecem. Tal reconhecimento leva à oração.²⁷

Diante de tal reconhecimento, Bonhoeffer afirma que a igreja tem que aprender duas coisas: a primeira é que “diante dos inimigos de Deus e de sua igreja só nos resta orar”.²⁸ A segunda coisa ensina que “quem delega a vingança a Deus abre mão de qualquer vingança própria”.²⁹ Esse é o aspecto decisivo na interpretação de Bonhoeffer:

Quem, entretanto, delegou a Deus a vingança, este está disposto a sofrer e a suportar sem vingança, sem pensar na vingança, sem ódio e sem contradição, ele é manso, pacífico e ama seus adversários. A causa de Deus tornou-se mais importante para ele do que seu próprio sofrimento. Ele sabe que a vitória será de Deus. ‘A mim me pertence a vingança, a retribuição, a seu tempo’ (Deuteronômio 32.35) – ele retribuirá! Mas nós estamos livres da vingança e retribuição. Somente quem está totalmente livre de desejos de vingança própria e de ódio e quem, de forma alguma, usa sua oração para satisfazer seus desejos de vingança, somente este pode orar em pureza de coração: ‘Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca; arranca, Senhor, os queixais aos leãozinhos’. Isso significa, Deus, somente tua causa é que está sendo prejudicada, tua honra conspurcada. Deus, vem tu mesmo e destrói o teu adversário, usa teu poder, deixa que tua justa ira se acenda”.³⁰

Por fim, Bonhoeffer conclui sua pregação apontando para a cruz de Cristo:

A vingança justa de Deus em relação ao ímpio já se abateu sobre nós. O sangue do ímpio já foi derramado [...] A justiça de Deus se concretizou. Isso aconteceu na cruz de Jesus Cristo. Jesus Cristo morreu a morte do ímpio, atingido pela ira e pela vingança divinas.³¹

Mesmo concordando com Bonhoeffer, que se deve perguntar pelo

27 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 68.

28 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 68-69.

29 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 69.

30 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 69.

31 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções*, p. 70.

conteúdo do salmo de vingança, crê-se que a pergunta pela motivação não estaria errada. O que motiva alguém, que se sabe justificado por Deus, mas que sofre o abandono do próprio Deus, principalmente por não ver a sua justiça sendo feita, a orar, pedindo pela vingança de seus inimigos? O maior motivo é o fato de esse salmista não abrir mão de crer e esperar pela justiça de Deus. Por isso, não é somente quem é inocente diante do inimigo, que pode confiar a vingança a Deus, como disse Bonhoeffer, mas também aquele que não abre mão de crer e esperar na justiça de Deus, contra todas as evidências e diante de todas as injustiças. O que fica claro na abordagem de Bonhoeffer é que o salmista, no Antigo Testamento, não abria mão de estar *coram Deo*, quando experimenta um *Deus absconditus* em situações *coram inimico*.

III. OS SALMOS DE VINGANÇA NA ATUAL EXEGESE VETEROTESTAMENTÁRIA

Para os exegetas modernos, diferente do que foi para Marcião, os Salmos de vingança não são contradições ao evangelho e ao mandamento do amor de Jesus Cristo. Salmos de vingança são, para Erich Zenger, expressão de fé na justiça de Deus, um clamor pela justiça de Deus em um mundo marcado pela injustiça, que delega a vingança a Deus, enquanto se aguarda por sua intervenção.³² Gordon Fee e Douglas Stuart também interpretam os Salmos de vingança, por eles chamados de Salmos imprecatórios, como legítimos.³³ Para eles, esses salmos não contradizem os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, justamente porque o “mandamento bíblico é praticar o amor, não sentir amor. De modo semelhante, os Salmos imprecatórios ajudam, quando se sente ira, a não praticar a ira”.³⁴ William Bellinger afirma:

Nestas orações contra os inimigos, o adorador não destrói o inimigo, mas em um livre ato de fé, ele localiza o problema com Deus, o juiz *par excellence*.

32 ZENGER, Erich. *Ein Gott der Rache? Feindpsalmen verstehen*. Freiburg/Basel/Wien, 1994. Cf. ZENGER, Erich. Art. “Fluchpsalmen”. In: LThK³ 3 (1995), p. 1335s.

33 FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes? Um Guia para entender a Bíblia com o auxílio da Exegese e da Hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 191-193.

34 FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?*, p. 193.

Deus decidirá, e o salmo pede a Deus que decida contra os inimigos.³⁵

Como visto, Lutero chamou os Salmos de vingança de Salmos consolatórios. Interessante é perceber que esse aspecto se reflete também na atual pesquisa do Livro de Salmos. Há certa tendência que discute, se a terminologia usada para esse tipo de salmos tem sido correta. Erich Zenger, por exemplo, sugere que os Salmos de vingança ou Salmos de maldição sejam chamados de Salmos de cólera (*Eiferpsalmen*) ou ainda Salmos de justiça (*Gerechtigkeitspsalmen*).³⁶ Nessa mesma direção, Bernd Janowski afirma que a designação Salmos de maldição, ou Salmos de vingança, conduz ao erro, pois eles anseiam, na verdade, a restauração do direito por meio da justiça salvadora de Deus. Segundo Janowski,³⁷ o alvo dos Salmos de vingança não está na alegria do salmista diante de seu triunfo sanguíneo sobre o ímpio (cf. Sl 58.11), mas sim, no fato de o salmista não abrir mão da justiça de Deus. Por isso, o lamento do salmista é um grito pela justiça de Deus num mundo marcado pela injustiça.

Na pesquisa em torno do Livro de Salmos, encontra-se o nome de Fritz Stolz, teólogo e cientista da religião, que publicou, em 1983, um pequeno livro, intitulado, *Psalmen im nachkultischen Raum*.³⁸ Stolz merece mais atenção por parte da pesquisa. Sua contribuição quase não aparece nas discussões atuais. Ela faria uma grande diferença, principalmente também no que se refere à compreensão dos Salmos de vingança. Alguns impulsos nessa direção querem ser expostos aqui.

Stolz está preocupado em entender dois fenômenos, que ele identifica em vários salmos e também em outros textos do Antigo Testamento: a *crise do culto* e a *crise da sabedoria*.³⁹ O culto e a sabedoria são duas categorias que descrevem

35 BELLINGER JR. W.H. *Psalms. Reading and Studying the Book of Praises*, 7th printing, Peabody. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2009, p. 54: "In these prayers against the enemies, the worshiper does not destroy the enemy, but in a liberating act of faith, places the matter with God, the judge par excellence. God will decide, and the psalm pleads for God to decide against the enemies".

36 ZENGER, Erich. *Das Buch der Psalmen*, p. 370.

37 JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott*, p. 129-133.

38 STOLZ, Fritz. *Psalmen in nachkultischen Raum*. Theologische Studien 129, Zürich, 1983.

39 Stolz analisa os seguintes Salmos: 77, 22, 39, 94, 73, 62, 32, 49 e 37. Fora do Livro de Salmos, Stolz analisa o livro de Jó, as Confissões de Jeremias, os Hinos de Louvor em Qumran e o livro de Esdras IV, como exemplares do fenômeno pós-cúltico e pós-sapiencial.

e mediam a ordem, possibilitam a vida no mundo e lhe dão sentido. No culto, o salmista experimenta a presença de Deus. Deus ouve sua oração, perdoa o seu pecado, fortalece sua vida, ajuda-o a entender o seu relacionamento e o seu papel com Deus e com as pessoas. A sabedoria, por sua vez, media para o salmista a ordem existente entre Deus, o ser humano e o mundo. Deus está no controle deste mundo. O ser humano pode conhecer a Deus e o mundo em que vive e se relacionar com Deus a partir do princípio da sabedoria, conhecido como temor do Senhor. A partir da sabedoria, o ser humano é instruído acerca da bênção dos justos e da perdição dos ímpios, mas, certamente, o ser humano, envolvido nessas duas categorias, também experimenta momentos que contradizem essa ordem garantida pelo culto e pela sabedoria. Ele experimenta infortúnios, catástrofes naturais, enfermidades, perseguição, ataques de inimigos, calúnias, poderes contrários à vida, inclusive a morte, enfim, experiências que mostram o caos na vida. Ao passar por esses momentos, que o isolam e o desintegram da comunhão e da própria vida, o ser humano tem a oportunidade, através de ritos, de voltar a viver dentro da ordem estabelecida pelo culto e pela sabedoria. Assim como Salmos de ação de graça louvam a Deus pelas bênçãos recebidas, Salmos de lamento clamam a Deus pelo restabelecimento da ordem perdida. Em relação a pessoas que são acusadas injustamente por inimigos diante de Deus, elas têm a chance, no templo, de erguer sua voz em oração. Sacrifícios e ritos acompanham os lamentos contra os inimigos e o pedido para que Deus ouça a oração. Além disso, o acusado tem a oportunidade de jurar por sua inocência.⁴⁰ A pergunta que Stolz quer responder em seu livro parte da experiência contrária à descrita até aqui. O que pode um salmista fazer quando, apesar de sua oração, de seu juramento de inocência, ele não experimenta a absolvição? O que pode um salmista fazer, quando ele clama a Deus, e Deus parece não ouvi-lo? O que pode um salmista fazer, quando ele, sabendo que é justo, experimenta o castigo destinado ao ímpio? O que pode um salmista fazer, quando ele vê a prosperidade dos maus e o sofrimento do justo? O que pode um salmista fazer, quando ele é injustiçado e perseguido por inimigos e não encontra mais a justiça de Deus, que vinga o salmista dos seus inimigos? Nesse contexto, Antonius Gunneweg afirma que dois fatores são a causa para se entender por que a sabedoria entrou em crise em Israel: por um lado, o sábio e o justo, assim como no Antigo Oriente, são atingidos por infortúnios e sofrimentos. Por outro lado, a

40 Sobre isso cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Psalm 1*, BKAT Band XV/1. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1961, p. xlvihi – xlix.

concepção de Deus e principalmente a fé em Javé não são mais compreensíveis, e o agir de Deus não é mais previsível.⁴¹ O mesmo vale aqui para a crise do culto. O que se instala é a experiência da abscondicidade de Deus e o desafio de continuar crendo em um Deus que se esconde do salmista.⁴²

Stolz chama essa experiência de fenômeno pós-cúltico e pós-sapiencial. Stolz define pós-cúltico (*nachkultisch*) não como um termo temporal, como se viesse depois do que seria chamado cúltico. Assim também para o fenômeno pós-sapiencial. O que Stolz quer dizer é que pós-cúltico e pós-sapiencial são fenômenos que existem quando o culto e a sabedoria não conseguem mais cumprir o seu papel e chegar ao seu alvo, de restabelecer a ordem na vida do salmista. Para Stolz, inclusive, está claro que essa experiência existe desde que existe o culto.⁴³ Os salmos analisados por Stolz mostram exatamente essa postura e reflexão do salmista, que permanece *coram Deo*, mesmo quando experimenta o *Deus absconditus*. Essa reflexão do salmista tem como alvo, conforme Stolz, a *certificação* (*Vergewisserung*), ou seja, uma nova orientação e certeza do agir salvífico de Deus, e a *instrução* (*Unterweisung*), que quer orientar o salmista, em como ele pode viver, apesar das experiências contraditórias da relação com Deus e com as pessoas.⁴⁴

Nessa mesma direção, poderia se pensar como a tradição jurídica e o contexto do direito veterotestamentário lidam com o mesmo fenômeno descrito por Fritz Stolz. Essa dimensão não foi abordada por ele. A existência e a discussão do fenômeno, que poderia ser chamado de pós-jurídico (*nachrechtliches Phänomen*) é algo que tentei desenvolver a partir dos impulsos de Stolz e de Melanie Köhlmoos,⁴⁵ não nos Salmos, mas no livro de Jó.⁴⁶ Infelizmente, não há espaço para abordar aqui toda essa discussão. Quer-se somente pontuar, que

41 GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica; Loyola, 2005, p. 332.

42 STOLZ, Fritz. *Psalmen im nachkultischen Raum*, p. 74, afirma que maior problemática em salmos pós-cúlticos e pós-sapienciais é a distinção entre a presença e a abscondicidade de Deus [zwischen der Nähe und der Ferne Gottes].

43 STOLZ, Fritz. *Psalmen im nachkultischen Raum*, p. 19.

44 STOLZ, Fritz. *Psalmen im nachkultischen Raum*, p. 27-29.

45 KÖHLMOOS, Melanie. *Das Auge Gottes. Textstrategie im Hiobbuch*. FAT 25, Tübingen, 1999.

46 WANKE, Roger Marcel. *Praesentia Dei. Die Vorstellungen Von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch*. BZAW 421. Berlin/Boston, 2013.

além do culto e da sabedoria, também o direito e a tradição jurídica do Antigo Testamento sofreram um processo de reflexão crítica diante de sua própria crise. Jó é descrito como um homem justo, íntegro, temente a Deus e que se desviava do mal (Jó 1.1). Em meio ao seu sofrimento, ele clama a Deus por justiça, mas não experimenta justiça. Também Jó ora Salmos de vingança contra seus amigos, que haviam se tornado seus inimigos (Jó 24, 27). Jó, assim como o salmista, sabe que é inocente e crê na justiça de Deus, mas o que ele experimenta, é que essa justiça está distante. As evidências dessa distância são caracterizadas por acusações (Jó 22), por consolações molestas (Jó 16) e por ver que o justo sofre e os ímpios são prósperos (Jó 21). Para não abrir mão de sua própria inocência e para não abrir mão da certeza da justiça de Deus, Jó e o salmista oram Salmos de vingança. É isso que eles aprenderam e é o que lhes restou, quando também o direito e a justiça, assim como o culto e a sabedoria, não dão mais conta de restabelecer a ordem destruída pelo sofrimento e pelos inimigos.

A partir da pesquisa de Fritz Stolz e da ocupação com o Livro de Jó, propõe-se chamar esse fenômeno pós-jurídico como *justiça crítica*. Talvez, surja a pergunta, por que o termo justiça crítica? A terminologia usada por Stolz para descrever esse fenômeno (*Nachphänomen*) tem sido questionada por alguns estudiosos.⁴⁷ Outros a mantêm.⁴⁸ Os textos que apresentam esse fenômeno refletem criticamente a crise do culto, da sabedoria e do direito, sem abrir mão dessas categorias. O culto continua existindo, mas também de forma crítica, ou seja, a partir da reflexão teológica diante da experiência da *abscondicidade de Deus*. A sabedoria continua mediando a ordem do mundo, mesmo quando o ser humano, a partir da reflexão crítica, descobre que ele não consegue entender todos os mistérios de Deus e de sua *sapientia abscondita*. O mesmo acontece para o direito, que não é abolido, mesmo quando a justiça de Deus não se manifesta diante dos ataques dos inimigos. Por essa razão se fará uso do termo justiça crítica.

Os Salmos de vingança como salmos de uma *justiça crítica* (*nachrechtliches*

47 KREUZER, Siegfried. "Die Psalmen in Geschichte und Gegenwart. Aspekte der Erforschung und der Bedeutung der Psalmen". In: Thomas Wagner, Dieter Vieweger, Kurt Erlemann (Hgg.) *Kontexte. Biografische und forschungsgeschichtliche Schnittpunkte der alttestamentlichen Wissenschaft*. FS für Hans Jochen Boecker zum 80. Geburtstag. Neukirchen-Vluyn, 2008, p. 340-341.

48 OORSCHOT, Jürgen van. *Nachkultische Psalmen und spätbiblische Rollendichtung*. ZAW 106 (1994), 69-86. Cf. OEMING, Manfred. *Die Psalmen in Forschung und Verkündigung. Gerhard Sauter zum 60. Geburtstag*. In: *Verkündigung und Forschung*, 40. Jg. Heft 1 (1995), p. 28-51.

ou *rechtskritisches Phänomen*) não negam a justiça de Deus. Deus continua sendo justo, mas sua justiça não parece mais ser acessível ao salmista. Ela se torna, a partir da experiência com o *Deus absconditus*, uma *iustitia abscondita*. A justiça, além de ser um atributo de Deus, é apenas encontrada em Deus. Salmos de vingança, como salmos de uma justiça crítica, existem exatamente como reflexão teológica, como reflexão de quem é Deus. O fenômeno de uma justiça crítica existe exatamente para dar certeza ao salmista, de que Deus está presente. A abscondicidade de Deus é uma forma de sua presença. Os Salmos de vingança mostram claramente que o ser humano é incapaz de garantir a justiça de Deus e eliminar a injustiça no mundo. Segundo Lutero, o ser humano não é capaz de conseguir nem sua própria justificação. Ele depende inteiramente da justiça de Deus, mesmo quando esta se revela a ele como uma *iustitia abscondita*. Se não fosse essa certeza, o salmista não oraria um salmo de vingança, ele praticaria a vingança e se autocondenaria diante de Deus por isso. É pelo fato de os Salmos de vingança serem exemplares do fenômeno da justiça crítica, que eles ensinam o salmista a orar a Deus, clamando por sua vingança sobre os inimigos, e a ter a certeza, mesmo contra as evidências, do agir de Deus e, ainda assim, ajudá-lo a permanecer *coram Deo*.

IV. PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA NOS SALMOS DE VINGANÇA

Como visto, os Salmos de vingança são um desafio para a compreensão das Escrituras, para a compreensão de Deus e para a compreensão do próprio ser humano. O que fica evidente até aqui é que parece haver um descompasso na questão hermenêutica dos Salmos de vingança, entre o que a pesquisa exegética e teológica apresenta como seus resultados e o que é a prática nas comunidades, ou melhor, a não prática dessas orações hoje. Por um lado, a exegese dos Salmos tem mostrado a importância, a função e o valor dos Salmos de vingança. Por outro lado, essa importância e valor não são reconhecidos na comunidade cristã, em sua espiritualidade e diante da sua ocupação com a injustiça no mundo. Talvez por isso nos escandalizamos hoje ao lermos os Salmos de vingança. Talvez por isso, os Salmos de vingança não façam parte hoje de nossas liturgias, das agendas de culto e dos lecionários. Poucos se arriscam a pregar Salmos de vingança. No Antigo Testamento, isso é diferente. Bernd Janowski afirma:

Em Israel se ensinou o sofredor a expor seus medos em oração e a não deixar os conflitos com o inimigo fora do relacionamento com Deus. O ‘Deus da justiça’ foi, dessa forma, confrontado com o sofrimento de sua criatura.⁴⁹

No entanto, é necessário concordar com Bernd Janowski, quando também escreve:

Nós devemos levar mais a sério a problemática dos inimigos do que se sugere fazer, muitas vezes, de maneira superficial com o mandamento do amor ao inimigo em Mt 5.43.⁵⁰

Esse artigo não teve por objetivo exaurir o tema, até porque isso seria impossível. As colocações acima querem apenas trazer à mesa da teologia e da igreja o assunto para a discussão. Por isso, chegando ao final desta abordagem, permanecem três tarefas em aberto:

a) Em primeiro lugar, fica a pergunta: será que o que Dietrich Bonhoeffer, Erich Zenger, Bernd Janowski e outros teólogos discutiram e escreveram, sem esquecer-se, é claro, do próprio Lutero, são palavras finais acerca da interpretação de Salmos de vingança, aqui chamados de salmos de justiça crítica? Exatamente os impulsos vindos das reflexões de Fritz Stolz podem ajudar a entender os Salmos de vingança como uma linguagem do politicamente incorreto *coram inimico*, mas do teologicamente correto *coram Deo*.

b) Em segundo lugar, a temática da hermenêutica de Lutero sobre os Salmos, especificamente os de vingança, mereceriam uma maior atenção por parte dos especialistas em Lutero. Há consequências e implicações dessa hermenêutica, principalmente para a discussão acerca do perigoso antissemitismo, que, por

49 JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott, Eine Anthropologie der Psalmen*. 2.durchgesehene und erweiterte Auflage. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2006, p. 133: “In Israel hat man den Leidenden also gelehrt, seine Ängste im Gebet auszusprechen und die Konflikte mit dem Feind nicht aus der Gottesbeziehung herauszulassen. Der ‘Gott der Gerechtigkeit’ wurde auf diese Weise mit dem Leiden seiner Geschöpfe konfrontiert”.

50 JANOWSKI, Bernd. *Konfliktgespräche mit Gott. Eine Anthropologie der Psalmen*. 2.durchgesehene und erweiterte Auflage. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2006, p.101.

exemplo, poderia ser extraído das abordagens de Lutero sobre os Salmos de vingança. Infelizmente, essa questão, por falta de espaço, não pôde ser abordada, pois a interpretação de Lutero sobre o Salmo 109 poderia legitimar tal antissemitismo. A distinção entre fé e amor, na abordagem de Lutero, poderia ser aprofundada e verificada na sua interpretação dos demais Salmos de vingança.

c) Por fim, permanece ainda uma tarefa prática a partir da abordagem sobre a interpretação dos Salmos de vingança apresentada até aqui: que implicações e que impulsos surgem para o culto e para a liturgia hoje? Como a igreja deveria ensinar as pessoas nas comunidades a orar? Que desafios os Salmos de vingança deixam para a igreja cristã e seus fiéis, como salmos de uma justiça crítica que vive da distinção entre fé e amor e da certeza e da instrução de Deus, mesmo contra todas as evidências e diante de todas as injustiças locais e globais?

Se, para Lutero, os Salmos são como uma “pequena Bíblia” (*kleine Bibel*) e como um “espelho” (*Spiegel*), então também os Salmos de vingança têm espaço nesse cânon e na experiência daquele que se sabe justificado por Deus. Que o justo vive pela fé não é algo que fundamenta apenas a teologia de Habacuque (Hc 2.4), Paulo (Rm 1.17; Gl 3.11) e de Lutero, mas é também o fundamento do salmista, que experimenta a privação de seu direito e de sua justiça. O cristão permanece na tensão entre o que diz o início do Salmo 94 e o fim do Salmo 58: *Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece. Exalta-te, ó juiz da terra; dá o pago aos soberbos* (94.1-2); *Com efeito, há um Deus que julga na terra* (58.11). É exatamente na experiência dessa tensão que o cristão pode se sentir também hoje consolado. É exatamente na experiência dessa tensão, que as palavras de Dietrich Bonhoeffer, em sua prédica sobre o Salmo 58, apontam para a cruz de Cristo, o local onde o juízo de Deus sobre o ímpio caiu na terra: “Por isso, sempre que duvidamos da justiça de Deus na terra, olhemos para a cruz de Cristo: aqui há juízo, aqui há perdão”.⁵¹ Que o Livro de Salmos continue nos dando as palavras certas, também quando não as temos, tanto para louvar e agradecer a Deus, quanto para clamar a Deus e delegar a ele nosso sentimento de vingança.

51 BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e Alocuções* (tradutor: Harald Malschitzky). São Leopoldo: Sinodal, 2007, p.71.